POR UMA CIÊNCIA HUMANA, SEM PORTO DE CHEGADA... QUE CORRA SEMPRE O RISCO DE NAVEGAR...

Eliane Pardo Chagas*

À Revista Motrivivência

Uma reflexão em forma de carta foi a forma mais apaixonada que encontrei para agenciar novos passos no sentido de desconstruir velhos discursos e homenagear esta revista que constitui-se hoje num instrumento rico de poesia e conhecimento e que representou para mim um espaço aberto de possibilidade para socializar minhas falas, meus anseios e desejos em relação à Educação Física.

Escrevo cartas até porque vivo hoje em dois lugares, tempo e espaço distintos e meu sentir fragmenta-se: ora Pelotas, ora Porto Alegre, ora professora, ora aluna, ora mulher, mãe, e tantos outros papéis. Fragmentos no entanto, de um mesmo todo que insistimos cotidianamente em separar, para melhor explicar...

A Revista Motrivivência tem pois a cara da vida, a cor da poesia e

os sentidos do afeto de escrever o universo do conhecimento de forma polifônica, a partir de várias vozes, de diferentes perspectivas que envolvem o olhar sobre o objeto que jamais é unívoco, linear, objetivo.

Por fim, escrevo esta carta porque encontrei nesse espaço, um canal, uma vida de acesso ao meu desejo contido em termos acadêmicos. Sempre acreditei redicar a riqueza dos grandes pensamentos nas entrelinhas de suas falas, nas cartas que trocavam. Como se o "não dito" possuísse o poder incomensurável de desvelar o "lado obscuro do cientista". Assim, o Diário de Malinovski revelou, entre afetos, emoções, seus anseios mais secretos, suas angustias diante do objeto, as questões que o intrigavam e o "instigavam a continuar buscando".

* Professora Mestre da ESEF/UPEL.

Escrever de forma literária as leituras que faço do mundo, dos autores que leio, do cotidiano que anseio descrever com o olhar apaixonado constitui meu desejo maior no universo do conhecimento. Sendo assim, as reflexões metafóricas que faço contemplam de certa forma, meu olhar subjetivo/objetivo sobre o universo de inquietudes que circundam os meios acadêmicos.

Movida pelo sonho que sempre encontrou no espaço da Motrivivência, solo fértil para criar, subsidiada em Castoriadis quando nos diz que existimos e nos diferenciamos porque criamos, escrevo nesse momento algumas de minhas mais novas angústias e incertezas no campo da produção do conhecimento. Muito mais que o nada, é a vontade de ser ouvida, debatida, questionada se assim for o caso...

Navegar é preciso, sonhar mais ainda porém, ainda Fernando Pessoa, não me venham com conclusões, a única conclusão é morrer.

Resolvi então, a partir das leituras que tenho feito de autores que tematizam algumas questões características da "condição pós-moderna" (Foucault, Lyotard, Morin, Castoriadis, Baudrillard entre outros) homenagear essa revista que no seu bojo trás o gosto do novo, do inédito, do ousado que pressupõe sempre o emergir do desejo, a humildade de aceitar o incerto, a diferença, o diálogo da solidariedade como nos coloca McLaren. Homenagem que somada às reflexões que levanto nesse momento busca mesclar minhas angústias cotidianas em relação à Academia, com a paixão pela prática docente, pela pesquisa, pela discussão da filosofia da ciência.

DA META NARRATIVA¹ DA CERTEZA ABSOLUTA A CERTEZA ÚNICA DO INCERTO²...

Os séculos se caracterizam pelas promessas que destroem. Nosso século desmentiu todas as suas promessas, uma atrás das outras. Somos um século de esperanças esfaceladas, porque composto de vitrais onde lemos esperanças loucas e estilhaçadas. Nenhuma esperança, não para nós. Há esperanças para o tempo em que a desmontagem da alienação seja a condição de trabalho de quem trabalha isto é, de quem, associando a imaginação e a memória

pode criar um objeto que se chama de arte e que é filho do sonho com a intuição (Herbert Daniel).

Vivemos nós, simples mortais, o tempo das incertezas. "O certo é o incerto, o certo é uma estrada reta, de vez em quando acerto, depois tropeço no meio da praça"... Assim, toda a espécie de verdade nos causa espanto.

Não diria, no entanto, que um certo niilismo se abate sobre nós nesse momento e sim, que é necessário segurar, ainda que efêmeramente, o

tempo em nossas mãos e buscar, a partir dele, uma outra vida de acesso à esperança, à humanidade.

Chega um tempo, que é tempo de repensar, de re-acender, de replantar novas sementes que possam fazer brotar doses ainda homeopáticas de sensibilidade, termômetro de luz para aliviar o estado de “desbussolamento” (Herbert Daniel) em que nos encontramos. O tempo é o hoje, o futuro é o sonho presente.

Ja não há, (ora, já era tempo), mais espaço para as velhas verdades. Os trajes do rigor científico moderno substituíram as vestes cheirando a mofo das verdades descidas do céu, sem gosto, sem cor, com muita dor. O ascetismo cristão, travestiu-se de purificação na linguagem clara, limpa, sem dúvida dos enunciados científicos.

Ainda cremos nos enunciados científicos porém, com uma certa dose de ironia e dúvida, apesar do dogma, do poder das palavras com estatuto de certeza, de resposta tranquilizante ao inexplicável. Só não contemos a força das erosões e, no entanto, nada de novo há no rugir das tempestades, já nos falava Maiakovski. Mas, é chegada a hora da heresia, como alertou-nos Chauí, “a ciência é o novo ópio do povo”.

Sopram ventos Pós-modernos nos novos horizontes que se avizinhavam. Pós que ainda não tenho bem claro o que tem a me dizer. Sinto-o com a intuição de quem anseia por tatear a escuridão de uma época para a qual não há respostas prontas, acabadas. Sinto-o não como esgotamen-

to, como negação do tempo presente. Sinto-o com o coração de quem não quer um retorno romântico ao saudosismo das velhas odes nostálgicas medievais que harmonizavam homem/natureza, às custas da morte das bruxas, dos homens que dividavam.

Pós, para mim, ainda de forma inicial, significa re- virar os clichês cotidianos que desenham o quadro moderno.

A Modernidade desencantou. A catástrofe fáustica desmentiu, pelo viés da arte as promessas de redenção trilhadas pelos caminhos da razão iluminista, do progresso, da ordem, da técnica e da morte da subjetividade, variável deveras interveniente... Rende-se hoje, qual criança após uma grande arte, ao completo e inevitável esgotamento de qualquer tentativa de explicação pela razão moderna, da complexidade das relações humanas.

Penso nesse momento, que os enunciados científicos objetivos da ciência moderna já não dão conta da transcendência da condição humana e não resistem à um olhar mais crítico à miséria, miséria travestida de fome de comida, de excesso de des-afeto, de violência física, simbólica, que renda os viadutos nas noites sem lua, os grandes condomínios onde co-habitam tranquilidade e medo, constantemente irmanados, as instituições burocratizadas, carcomidas pelo pavor da mudança, permeadas pela busca de respostas imediatas, de “tranquilizantes verbais” para a insônia da falta de respostas.

A meta narrativa legitimadora da coerência interna das teorias, princípio científico complexo analisado por Morin, não dá conta da impotência generalizada diante da morte da cidadania, da morte social que se esparrama feito grande epidemia nas avenidas das grandes metrópoles.

FOUCAULT: o modelo da peste, o modelo da lepra,³ diagramas esquadrinhando cidades, poder que, nos dizeres de Deleuze, ao falar das obras de Foucault, se dissipou no cotidiano das sociedades de disciplinas modernas. HERBERT DANIEL: modelo do vírus HIV, da AIDS. Presença inexorável da morte por todos os poros, pelo sexo corpo adentro, esquadrinhando, disciplinando, regulando. Assepsia moderna.

Não, não há justificativa para a coerência interna que mata, que radica no medo que projeto coletivamente. Tamanha a sua complexidade...

A coerência interna das teorias sociais atribuiu para si o direito de adentrar todos os espaços. Construiu enunciados para dar conta de serializar, de compartimentalizar, de instituir os contratos narcísicos⁴ modernos que, à deriva dos tradicionais, forjam o sujeito culposo, desejoso de redenção, silencioso e omissos pelo seu não enquadramento na ordem coletiva, na política de boa vizinhança para que se resguarde o bem comum. Minha culpa, minha máxima culpa, confessa o sujeito diante de si mesmo, do espelho, na calada da noite... Peca por pensamentos, atos e omissões. Peca, pelo seu desejo contido, quase solitário, de romper com essa lógica

normatizante que fundamenta-se nos rótulos e legitima-se pelo estatuto que ela própria sedimentou.

Esparramados e serializados feitos mercadorias das grandes galeirias de supermercados, somos cientificamente rotulados. Há os da direita, os da esquerda, os do meio, os radicais, os xiitas, os anarquistas, os tradicionais, os vagabundos e os trabalhadores, os inteligentes e os comprometidos, os positivistas, os fenomenólogos e os marxistas, os normais, e os loucos, destituídos de qualquer possibilidade de bom senso.

Os argumentos da fidedignidade científica adentram a prática docente universitária, impondo fórmulas alentadoras para buscar a sonhada qualidade do ensino, a não separação do tripé ensino-pesquisa-extensão. Atualmente, a interdisciplinaridade que na maioria das vezes não se sabe bem o que é, mas se busca, pois gera uma certa tranquilidade de estar buscando o que há de mais novo, de mais moderno, leia-se progresso. Pelo mais novo discurso científico que adentra as universidades, o da "qualidade total" ressurgem a técnica, a competência, a eficácia como novas tecnologias, apropriadas para diagnosticar e implementar um novo padrão de universidade mais funcional, eficiente, asséptico...

Tenho a impressão de que existe um vasto fôssos a separar a concepção de Universidade que acredito e o que hoje convencionou-se chamar trabalho acadêmico-científico. O imediatismo e o praticismo ocupam cada vez mais espaço, e a burocracia vomita sua ingerência sobre o essencial transformando-o em mera causalidade

de, questão de desvio de percurso. Os cargos são disputados, as pesquisas descoladas e vagarosas, o ensino bancário e a extensão limitada a atender, pelas mãos dos "especialistas", às demandas sociais, levando aos carentes, aos "sem consciência" (política, ecológica, etc) o saber do qual eles, pobres mortais, foram destituídos.

Navegamos nós, da dita esquerda universitária, intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, comprometidos, supostamente detentores do saber acumulado, mares nunca dantes navegados. E, num ato de extremo amor ao coletivo, aos princípios que nos norteiam, intentamos construir a Universidade que queremos todos. Porém, consideradas questões não essenciais para a maioria, junto à boa causa, acoplam-se muitas vezes, as sedes de poder, o personalismo, as frustrações do privado, as inferências científicas e dogmáticas sobre o social. Tudo isso fere aos ouvidos, cheira a maniqueísmo, atenta contra o direito de ser diferente. O autoritarismo bem intencionado travestido de democracia, em nome do bem comum. Democratismo que toma conta de muitas das causas sociais de esquerda no interior da Universidade.

Mas, vamos a alguns caminhos que se avizinham hoje para mim:

AGENCIANDO NOVOS PASSOS, NOVOS OLHARES SOBRE O OBJETO.

"O desejo, domesticado pelos educadores, adormecido pelos moralistas, traído pelas Academias, refugiou-se na paixão do saber." (Lacan)"

Busco hoje, nesse espaço, nos espaços sociais de minha atuação, no meu espaço de singularidade, construir novos agenciamentos⁵. Resgatar o prazer de escrever com as mãos da serenidade, com os olhos da esperança, com a escuta de um coração inquieto, perplexo, algo mais próximo à minha condição humana. Algo que seja emoção sem ser piegas, que seja razão/rigor sem estar amarrado à métodos obsoletos, herdeiros do cartesianismo, que obscurecem meu olhar sobre o objeto. Eu quero na verdade, que a minha produção acadêmica reflita o prazer de um dia de sol num copo d'água (Renato Russo).

É preciso resgatar a sensibilidade do homem para além da razão instrumental, para além do decreto decadente da morte do homem. É porque ainda estamos vivos que buscamos rever os velhos discursos, virar do avesso a des-humanidade que habita o medo do novo, a segregação social que vai além do racial, das classes, que radica no isolamento que habita um certo estranhamento diante do olhar do outro.

Estilhaçar, pela colocação na ordem do dia da emergência de um novo devir científico, o discurso moderno da objetividade dos fatos, da agonizante coerência interna das teorias, da dificuldade do consenso habermasiano em épocas de crises de valores, questões estas, fundamentais na virada do século.

Uma nova ética na diversidade precisa ser construída também no interior das academias. Ética que viabiliza o emergir do desejo, arte e

sedução pelo ato de conhecer, autonomia, lucidez e uma certa dose de desatino, de perplexidade para criar o novo. Conceitos estes que deverão conquistar seu espaço para revirar os princípios científicos da objetividade e da coerência interna.

O tempo pós-moderno é para mim o tempo do agora, o presente inquieto, perguntante, fugaz, duvidoso e fluido, que coloca a alteridade radicando no sonho de mudança pela emergência das singularidades, das linguagens outras, várias e não únicas, narrativas legítimas pelo poder que emana do processo que inspiram.

A ética na diversidade aponta uma luz no fim do túnel, luz que não constitui via única mas caminho tortuoso de construção na diferença, no ouvir mais que falar, no sentir mais que repelir, na emoção que brota do prazer de acreditar na utopia do hoje, do singular.

Maria Rita KHEL: O lugar do desejo utópico é e continuará sendo o que foi até hoje: o lugar da poesia.

Desejar⁷ é ambiguidade presente no próprio ato de existir, carência e vontade, reconhecimento e autonomia. Pensar uma nova ordem para a produção acadêmico-científica, para uma nova prática pedagógica no interior da Universidade, uma ordem não única mas trilhada nas diversas vias, requer o resgate do desejo, o mapeamento da falta, o estabelecimento da linguagem do afeto (afectar), da sensibilidade ao belo que emana do estético.

Outro pressuposto para mim fundamental para olhar a razão científica

moderna com os óculos da Pós-modernidade, diz respeito a perspectiva de construção do objeto polifônico proposto por Canevacci. Para este autor, é preciso alçar vôo no sentido de deixar falar o objeto, fazer com que ele cante suas várias vozes que não soam unívocas, mas caracterizam a polifonia inerente a ele.

Perder-se na cidade, onde esta constitui o seu objeto de estudo, diz Canevacci (1993), significa que a mesma compara-se a um coro que canta

com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem umas às outras, isolam-se ou se contrastam, e também designa uma determinada escolha metodológica de dar voz a muitas vozes, experimentando assim, um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto... A polifonia está no objeto e no método (p. 18).

O autor fala ainda da perspectiva de focalização de um paradigma inquieto, onde as várias vozes que falam sobre e a partir do objeto encontram ressonância na arte, na poesia, na literatura, na fotografia, na linguagem científica. Se o objeto é polifônico, sua construção deve recusar o monologismo, uma única forma de linguagem, deve recusar as preocupações epistemológicas⁸ que amarram o sujeito às paradigmáticas dificultando-lhe e até mesmo impossibilitando-lhe a escuta múltipla do objeto. Não há uma única voz que irá elaborar a construção do mun-

do mas uma infinidade e é essa subjetividade polifônica que irá possibilitar a alteridade do sujeito pesquisador.

É preciso pois, pensar novos pressupostos para a construção de um paradigma inquieto na produção do conhecimento. Partir do princípio da incerteza inerente ao próprio ato de conhecer nos dizeres de Morin, do resgate do desejo que poderia viabilizar a autonomia e o prazer do apreender o mundo, mesmo que efêmeramente, da possibilidade de emergir novos devires em forma de linguagens múltiplas, dispareas, singulares.

A paixão do saber, a vontade de conhecer devem pois pautarem nossas ações no interior das Universidades, no nosso fazer pedagógico-científico em busca de construir uma nova ciência, uma noologia talvez, na perspectiva de Morin, que possa ao invés de fornecer-nos tantas respostas, de fechar a possibilidade inesgotável do conhecimento nas amarras da razão, da ideologia e da lógica, apontar caminhos para a busca da autonomia, para o aflorar do desejo de conhecer, de apreender o mundo através da invenção, da criação da construção que é solitária e coletiva simultaneamente.

Por enquanto, pela dificuldade de encerrar o inesgotável, vou ficando por aqui... Com Deleuze:

o que me interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia.

Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação à outra. Cada uma delas é criadora. O verdadeiro objeto da ciência é criar

funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia criar conceitos. A partir daí, se nos damos essas grandes rubricas, por mais sumárias que sejam - função, agregado e conceito -, podemos formular a questão dos ecos e das ressonâncias entre elas. Como é possível que um conceito, um agregado e uma função se encontrem? (Gilles Deleuze In: Conversações. Rio de Janeiro, ed. 34, 1992).

Notas

- ⁰¹ Meta - Narrativas Legitimantes: termo utilizado por Jean F. Lyotard para designar meta discursos totalizantes e legitimadores que recorrem à grandes narrativas fornecidas pela filosofia. Como por exemplo, a Dialética do Espírito de Hegel, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional, entre outras. (In: Lyotard, J. F. A condição Pós-Moderna. Lisboa, Gradiva, s/d.)
- ⁰² O princípio da incerteza na discussão epistemológica é levantado por Morin a partir da problemática da complexidade, onde o autor afirma a incerteza enquanto um princípio inscrito na própria natureza do nosso conhecimento. (In: Morin, E. O problema epistemológico da complexidade. Lisboa, Europa-América, s/d.)
- ⁰³ Diagrama em Foucault constitui o mapa, a cartografia, coextensiva a todo o campo social, máquina abstrata, dimensão informal, que impõe condutas por repartição no

espaço, por ordenamento e seriação no tempo, por composição no espaço-tempo. Um diagrama intermediário por exemplo podemos considerar o diagrama napoleônico. (In: Foucault, M. Vigiar e punir. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1977.)

- ⁰⁴ Contratos narcísicos: termo de Aulagnier que designa o espaço de confluência entre o social e o psíquico onde temos, de um lado, os ideais identificatórios que propiciam a estabilidade narcísica dos sujeitos e de outro, a manutenção de um sentimento de pertença coletiva mantenedor de um mínimo de coesão social. Tradicionalmente, estes contratos visualizavam a cultura como legitimadora dos alibis que permitiam aos indivíduos inocentarem a si e aos seus corpos da responsabilidade pelo sofrimento e morte. Na atual cultura urbana, o EU é coagido a considerar-se autor ou cúmplice dos crimes contra o corpo. (Fernandes, H. Temporalidade e subjetividade. In: Tempo do desejo: sociologia e psicanálise/org. Fernandes, H. São Paulo, Brasiliense, 1989.)
- ⁰⁵ Agenciamentos: noção mais ampla que a de estrutura, sistema, forma. Comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária. Modos de subjetivação singulares ou processos de singularização: compõem aquilo que Guattari chama de estratégias da economia do desejo (micropolíticas) e dizem respeito à maneiras de recusar os modos de encodificação pré-estabelecidos, de manipulação e de telecomandos. Recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, de criatividade que produzam uma subjetividade singular. (In: Guattari, F. e Rolnik, S. Micropolíticas: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1986.)
- ⁰⁶ Consenso em Habermas: algumas críticas de autores que tematizam a condição pós-moderna residem no fato de que o consenso obtido na discussão via razão comunicativa violenta a heterogeneidade dos jogos de linguagem e a invenção faz-se sempre na divergência. Segundo Lyotard, o saber pós-moderno não é somente o instrumento dos poderes. Ele refina a nossa sensibilidade para as diferenças e reforça a nossa capacidade de suportar o incomensurável. Ele próprio não encontra a sua razão na homologia dos peritos, mas na paralogia dos inventores. Na pedagogia Crítica encontramos autores que fazem a crítica ao consenso e à validade em Habermas. Entre eles podemos citar Peter MacLaren, em seu ensaio Pós-Modernismo. Pós-Colonialismo e Pedagogia. O autor cita Michael Ryan, Anthony Giddens, Richard Litchman, entre outros. (In: Teoria Educacional crítica em tempos pós-modernos/ org. por Tomaz Tadeu da Silva - Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.)
- ⁰⁷ Desejo: sobre a ambiguidade do desejar, verificar ampla análise histórica e filosófica do termo em Chauí, M. Laços do desejo. (In: Novaes, A. (org.) O Desejo São Paulo, Companhia das Letras, 1990.)
- ⁰⁸ Pre-ocupações epistemológicas: termo utilizado por autores pós-

modernos para designar modelos inseridos previamente, e que impedem novos olhares do indivíduo sobre o objeto. Poderia ser feita uma analogia com a paradigmologia de Morin, onde segundo ele, os grandes pensadores encontram os limites para compreenderem a organização de diferentes formas de pensar.

⁰⁹ Noologia: ciência das coisas do espírito, das entidades mitológicas e dos sistemas de idéias concebidos na sua organização e no seu modo de ser específico. (In: Morin, E. O problema epistemológico da complexidade. Lisboa, Europa-América, s/d.)